

ANÁLISE DE PRESERVAÇÃO DE FACES EM TRADUÇÃO COOPERATIVA

Prof^a Dr^a Clélia Barqueta¹

Resumo

Este artigo apresenta resultados parciais da análise de uma prática de tradução cooperativa. Uma busca na web e a descoberta do desinteresse acadêmico pela tradução compartilhada, associadas a uma experiência prazerosa de tradução cooperativa, despertaram nos autores o interesse para investigar academicamente esse tipo de tradução. As perguntas-pesquisa que orientaram os tradutores-pesquisadores foram de que modo eles resolveram impasses ou discordâncias sobre as opções de tradução e de que forma as intervenções foram realizadas para evitar rupturas e/ou mal-entendidos, que poderiam impedir a continuação do trabalho em cooperação. Fundamentou-se a análise das estratégias de comunicação dos tradutores por meio do aparato teórico da Pragmática, em especial, a teoria de Goffman (2011), no que diz respeito à polidez e à “manutenção da fachada” ou à preservação da face de ambos os interlocutores. Dos Estudos Críticos do Discurso, adotou-se a questão das relações de poder a fim de compreender o princípio de cooperação para que a tradução se adequasse ao sistema editorial em que se inscreve. A análise de sete sequências de negociação dos tradutores apresenta um trabalho recorrente de preservação das faces positivas e negativas de ambos aos tradutores.

Palavras-chave: Tradução Cooperativa, Pragmática, Preservação de Face, Estudos Críticos do Discurso

INTRODUÇÃO

Este trabalho foi elaborado como forma de investigação do material construído ao longo da tradução cooperativa realizada pelos tradutores Murilo Jardelino da Costa e Clélia Barqueta para a Editora Annablume do ensaio “Juden Sein” do filósofo Vilém Flusser, publicado em novembro de 2014. Trata-se do quarto texto traduzido conjuntamente por esses dois tradutores. A primeira tradução, já publicada pela mesma editora, foi o livro de Rainer Guldin (2010) acerca da obra do filósofo: “Pensar entre línguas: a teoria da tradução de Vilém Flusser”. A partir dessa experiência prazerosa de tradução cooperativa, criou-se o interesse por investigar academicamente esse tipo de tradução elaborada a quatro mãos.

¹ Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade Federal da Paraíba (DLEM/UFPB)

O primeiro passo para o desenvolvimento dessa investigação consistiu em buscas por artigos que tratassem desse tipo de trabalho conjunto. Embora realizada em três línguas (portuguesa, alemã e inglesa), a busca com as palavras-chave ‘tradução cooperativa’, ‘tradução conjunta’, ‘TandemÜbesetzung’, ‘kooperative Übersetzung’, ‘partnertranslation’ e assim por diante, resultou em poucos artigos sobre o assunto. Alguns dos quais remetiam a traduções de obras gregas para o latim ou desta para línguas vernáculas ainda na Idade Média.

Um artigo interessante encontrado foi o dos autores *Orban e Kornelius*, ‘Kooperatives Übersetzen – ein Beitrag für eine kommunikationsorientierte Übersetzungsdidaktik’, acessado em 20/10/2014, em que se discute esse tipo de trabalho cooperativo, como sendo uma atividade extremamente útil a ser feita com alunos em cursos de tradução e que os levaria mais facilmente à autonomia profissional. Eles fornecem um protocolo das discussões entre os alunos, interessante para estudar as estratégias utilizadas para encontrar soluções para trechos problemáticos.

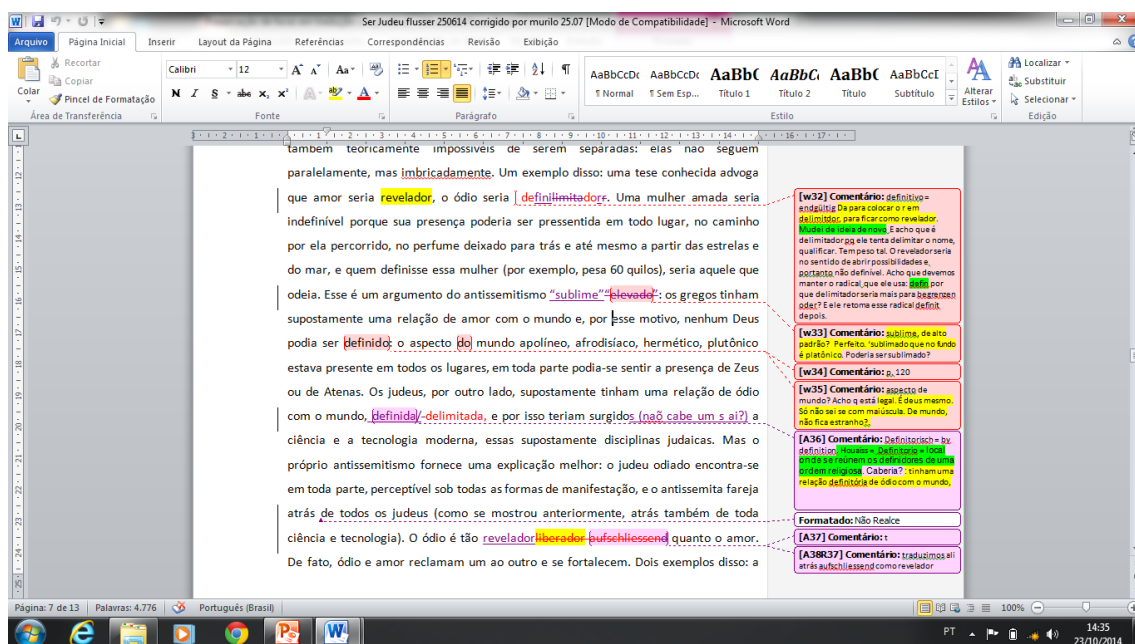
Essa busca na web e a descoberta do desinteresse acadêmico pelo assunto, independentemente de seus motivos, despertaram de maneira proporcionalmente inversa o interesse pelo tema. Percebeu-se que ali havia algo quase não pesquisado.

No artigo ora proposto, primeiramente aborda-se a sistemática de trabalho dos tradutores e dessa forma deixa-se claro o que se compreende por tradução cooperativa ou conjunta. Posteriormente, delimita-se o corpus e, em seguida, discute-se a fundamentação teórica na qual me baseei para empreender a análise em questão.

SISTEMÁTICA DE TRABALHO

Os textos recebidos para serem traduzidos são divididos intercaladamente e cada um inicia a tradução da parte que lhe coube. Em seguida, realiza-se a revisão da tradução elaborada pelo companheiro de trabalho. Nesse processo, usa-se a ferramenta ‘controlar alterações’, à disposição na barra de ferramentas do programa word. Esse mecanismo deixa nas margens do texto os diálogos entre os tradutores, com comentários, sugestões de mudança, correções etc. Nessa etapa da tradução cooperativa, registram-se vários mecanismos e estratégias de tradução em comentários sobre como se pensa qual seria a melhor solução ou até mesmo solicitações para esclarecimentos de possíveis dúvidas etc. Logicamente, em trechos mais problemáticos, intensifica-se a troca de mensagens.

O que se pretende discutir aqui são essas experiências de tradução dialogada. Portanto, o corpus consiste justamente nesses diálogos que se apresentam da seguinte maneira:



Neste artigo, as perguntas-pesquisa que se pretende responder são: de que modo são elaboradas essas intervenções, possíveis de serem analisadas por permanecerem gravadas ao lado da página, pelos tradutores, e que consistem, na realidade, em correções das traduções do outro? De que modo os tradutores buscam resolver impasses ou discordâncias sobre as opções de tradução? De que forma as intervenções são realizadas de maneira a evitar rupturas e/ou mal-entendidos, que poderiam impedir a continuação do trabalho em cooperação?

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Luhmann, em sua teoria acerca dos sistemas sociais (apud CHESTERMAN, 2006, p.13), discute a sociedade como sendo construída por sistemas diferenciados. Para esse autor, seriam os sistemas legislativos, os sistemas religiosos, a política, os sistemas econômicos, sistemas educacionais etc. que regulam uma comunidade. Poder-se-ia aceitar que esses sistemas diferenciados se expressariam em práticas sociais, conforme afirmam Chouliaraki e Fairclough (2002), materializadas, entre outras formas, por meio da linguagem, uma prática social que perpassa quase todas as outras, por meio das quais os membros da comunidade convergem seus esforços para que ela funcione de modo a

satisfazer suas necessidades ou desejos. Isso normalmente implica relações de poder entre os indivíduos que interagem com determinados objetivos, nem sempre convergentes, visando determinados fins, e dentro de circunstâncias nem sempre muito claras, mas sempre existentes e definidoras de relações comunicativas.

Para discutir essas relações comunicativas que fazem parte da prática social a que se denomina língua, acionou-se o aparato teórico da Pragmática, em especial, a teoria de Goffman (2011), no que diz respeito à polidez e à “manutenção da fachada” ou à preservação da face de ambos os interlocutores. No caso desse artigo, a face dos tradutores dentro desse processo de negociação sobre qual seria o melhor ou o mais adequado sentido acordado entre os participantes da interação durante a ocorrência de algum ponto crítico em que se aciona a opinião do outro. Além disso, usaremos o aparato teórico dos Estudos Críticos do Discurso. Dessa teoria, adotar-se-á a questão de poder simétrico entre os tradutores, que necessariamente devem cooperar para que essa tradução seja considerada adequada dentro do sistema de tradução que contém também o sistema editorial, no qual, por sua vez, se inscreve, e na verdade é a instância de poder superior a qual os tradutores se submetem. O objetivo é investigar de que forma esse poder de intervenção no texto do outro é negociado entre os tradutores.

Essas interações que ocorrem nessas circunstâncias, por sua vez, voltam a reconstruir novas relações. “Essas comunicações são os elementos a partir dos quais a sociedade é construída. O evento da tradução é tal qual uma comunicação, um elemento do sistema de tradução” (CHESTERMAN, 2006, p.13). O sistema de tradução envolve não apenas a tradução em si, mas todos os outros sistemas que se articulam com a tradução: econômico, canônico, estudos acadêmicos sobre ato de traduzir etc.

Para Goffman (2011, p. 13), o termo face positiva “pode ser definido como o valor social positivo que uma pessoa reclama efetivamente para si por meio da linha que os outros supõem que ela seguiu durante determinado contato”. Em atos de comunicação, na maioria das vezes, existe o objetivo de conseguir algo, e para isso procura-se trabalhar em conjunto de modo a de se alcançar a meta, seja a de interesse de algum dos participantes ou a de todos.

Com o intuito de alcançar esse objetivo, duas formas de ação são essenciais. Para o autor, deve-se procurar “preservar a própria face”, ou seja, a face de quem procura comunicar algo, e também levar em consideração a “face do outro”, o indivíduo com quem se fala. Não é necessariamente apenas de um indivíduo para outro, pode ser

de grupos para grupos. Ou seja, procura-se estabelecer nesse diálogo o auto-respeito (preservação da própria face) e o respeito ao próximo (preservação da face do outro).

A partir desse trabalho de Goffman, outros autores expandiram a teoria. Existiria ainda o conceito de face negativa, proposto por Brown e Levinson (1978). Esta seria a face que mostramos ao tentar expressar e negociar nossos desejos que nem sempre são os do outro e para conseguir isso é necessário que haja uma certa invasão da face positiva de nossos interlocutores. Por exemplo, uma contestação de opiniões alheias, ou as tentativas de não ser impedido de realizar ações que se deseje. A preservação da própria face negativa, ao tentar invadir a face positiva do interlocutor, seria a procura de uma forma de não-imposição do próprio desejo ao de seu interlocutor (apud GALEMBERG, 2003). Ou seja, a busca por amenizações, isto é, modalizações nos enunciados.

O interessante é que desse jogo comunicativo surge a possibilidade de tradução cooperativa com a manutenção da imagem dos participantes. Isto é, o objetivo é evitar que sua sugestão ou mesmo correção com a finalidade de intervenção sobre algo que já foi sugerido por um dos participantes da interação tradutória leve à ruptura do trabalho conjunto, objetivo maior de ambos os participantes na tradução cooperativa.

Esse jogo de preservação de faces deve demonstrar por parte dos interlocutores, em qualquer interação, uma habilidade em fazer uso de fórmulas linguísticas fixas e pré-estabelecidas e uma capacidade dos interlocutores para adaptar o uso dessas fórmulas às necessidades reais das situações, quando se trata de mudanças nas traduções que já foram sugeridas por um dos membros da tradução conjunta.

Existiria, portanto, nessa interação, um movimento, uma dança, que procura a auto-defesa em relação à própria face e de proteção em relação à face do outro, que na realidade seria a proteção da própria face, pois, ao expor a face do outro, o sujeito acaba por expor a própria face ao julgamento pela quebra das regras de polidez. Isso é desvantajoso, uma vez que, ao fazer isso, ele se coloca em situação de ter sua face negativa também invadida. É uma dança a dois na qual ambos definem os passos a serem dados para que se continue a dançar conjuntamente, perante todo um sistema de avaliações aceitas socialmente.

Goffman (2011) expõe sua teoria usando jogos como exemplos. Se antes os conflitos eram resolvidos por meio da violência, levando muitas vezes à morte de um dos interlocutores, a partir do uso da racionalização para a resolução de conflitos, são

necessárias estratégias estipuladas socialmente para a obtenção de respeito e do objetivo almejado. Desse modo, são criadas relações sociais menos caóticas, dando maior chance de proteção aos indivíduos em interações pacíficas ou conflituosas, buscando evitar situações constrangedoras aos interlocutores.

Esse jogo cuidadoso de manutenção da ‘fachada’ se comprova necessário, pois é o contrato a permitir que o objetivo primordial do trabalho seja alcançado: um bom trabalho final. No caso dessa experiência, um trabalho que seja respeitado pelo leitor da tradução.

Dito isso, podemos citar Chesterman (2006, p.30) ao discutir MacIntyre (1981):

“a chave do valor de MacIntyre não é poder, mas excelência. Os praticantes, isto é, indivíduos atuando em práticas, procuram primeiramente o bom do seu trabalho e, portanto, precisam cooperar. Considerações sobre poder não podem ser desqualificadas, mas não são centrais e podem ser aplicadas em outros níveis que propriamente aos participantes, ...”.

Com isso, ele discute que “outros níveis de poder entram em cena”, além da relação entre os interagentes. Esses seriam justamente os sujeitos que pagam pelos serviços ou consomem, compram os produtos que surgem das cooperações.

Pode-se facilmente colocar os tradutores dentro dessas interações, bem como as editoras ou os sujeitos que compram os serviços dos tradutores. O que se almeja é uma boa tradução cooperativa. “A ênfase em buscar excelência sublinha o lado positivo do trabalho profissional cuja preocupação é a qualidade.” (CHESTERMAN, 2006, p.30). É a sensação de gratificação que se tem quando os profissionais envolvidos têm a vivência do “ahah, finalmente conseguimos resolver uma passagem que estava dando problema. E não é que ficou boa (adequada) essa sugestão”.

Para Chesterman (ibidem), “temos uma ideia de prática como um sistema institucional de conduta social nas quais tarefas são feitas por atores preenchendo papéis, sob condições contextuais que incluem almejar certa qualidade”. Nesse processo deve ser levada em consideração a preservação das faces dos participantes em busca da melhor solução para o problema, de modo que se alcance o que MacIntyre chama de “Standards of excellence” ou mesmo se tente ultrapassá-lo.

Diante do exposto, apresentaremos alguns exemplos do jogo de preservação de face entre os tradutores da tradução compartilhada. Lembrando que o objeto de análise são algumas das marcas gravadas ao longo do texto traduzido. Para facilitar a compreensão de nossa análise, apagamos as marcas ao lado e colocamos os comentários

que serão analisados abaixo dos trechos escolhidos do corpus, por motivo de espaço para o artigo. Além disso, os trechos sobre os quais tratam os comentários vêm entre colchetes, podendo vir em seguida a forma escolhida pelo revisor. Depois do comentário, seguem as análises.

ANÁLISE

1. **Trecho:** - [Mas quando se faz (assim,)]/Mas, ao agir desse modo, deve-se contar com a perda do diálogo, ou seja, reconhecer o outro e ser reconhecido por ele.

A1] comentário: (não ficaria melhor?)-

A sugestão de nova tradução aparece ao lado do que havia sido proposto na primeira tentativa. No comentário do revisor usa-se o futuro do pretérito, que demonstra ser mais uma sugestão, uma possibilidade, do que uma certeza. Além disso, o enunciado ainda realiza-se em forma de questionamento e na negativa. São três aspectos modalizadores, que torna a revisão menos direta e, portanto, menos agressiva, permitindo que ambos os interlocutores não só defendam sua face negativa ao corrigirem e serem corrigidos, mas também mostrem suas faces positivas estrategicamente abertas para a negociação dos novos sentidos. O jogo da manutenção da fachada em busca da não ruptura do diálogo aparece claramente na intervenção como forma de auto-respeito e defesa do outro.

2. **Trecho** - Com isso, coloca-se a ciência como um todo em questão, e especificamente em seus aspectos [politológicos], sociológicos e psicológicos

Comentário: 2A. existe?

Comentário: 2B. SIM. Parte das ciências sociais que estuda a política.

Percebe-se nesse trecho uma menor necessidade dos interagentes em modalização. Mesmo assim, percebe-se que o primeiro interlocutor, 2A, não coloca claramente em dúvida a escolha do termo ‘politológicos’, mas prefere a estratégia de se mostrar desconhecedor da forma, colocando-se em uma situação de assimetria de poder ao colocar a proposição em modo interrogativo. Desse modo, embora demonstrando sua face negativa, busca estrategicamente investigar se o outro está realmente sabendo o que faz. Com esse mecanismo, coloca-se em condição de questionar sem que o outro seja atacado. Ou seja, entra-se no esquema: pergunta-resposta. A resposta em 2B procura, portanto, ser capaz de justificar sua escolha para o termo. Essa aparece quase em forma de verbete de dicionário, um modo neutro e ao mesmo tempo objetivo de validar sua escolha.

3. **Trecho A** - A crise da ciência relacionada à [Teoria do Conhecimento] /A crise epistemológica da ciência fica mais evidente na medicina, ...

Comentário A : acho que fica melhor assim.

Nesse comentário, percebe-se o cuidado de modalizar a revisão, por meio do uso do verbo “achar”. O uso do verbo achar está ligado à crença, mas ao mesmo tempo permite expressar um certo grau de certeza. Ou seja, o revisor não se compromete com a verdade efetiva e final do enunciado, deixa em aberto que é possível outra percepção dos fatos, mas ao mesmo tempo tem chance de expressar sua dúvida quanto à forma mais adequada. Isso indica a possibilidade de preservação da face dos dois interlocutores, pois a correção é dada como uma sugestão e não como possível invasão da face negativa de ambos. Se o tradutor corrigido não aceitar a opção dada, pode começar a se defender a partir desse índice de incerteza colocado à disposição pelo revisor e, da mesma forma, se resolver aceitar, o faz a partir da possibilidade fornecida pelo outro como sendo apenas uma sugestão.

3. **Trecho B** -Entretanto, essas tentativas apresentam um porém. Elas são ética e [epistemologicamente] questionáveis.

Comentário 3B - Em minha tradução, não usei epistemologia. Usei ‘teoria do conhecimento’. Prefiro sua escolha.

Esse comentário é uma resposta à revisão 3A. Em outro momento da tradução, o interlocutor corrigido anteriormente tem a possibilidade de justificar sua opção pela aceitação da correção anterior. Deixa sua face negativa aparecer de modo estratégico por meio da positiva, ao justificar o porquê da aceitação da correção. A dança em busca da não ruptura do trabalho aparece ao ser demonstrado que a melhor solução deve ser buscada e o trabalho não é apenas um exercício de poder.

4. **Trecho** - (1)[dubiedade] epistemológica de transcender a (2) [singularidade] com o auxílio de uma teoria consiste em que o discurso teórico classifica

Comentário 1 - Incerteza?

Comentário 2-Não poderia ser ‘particularidade’?

Nota-se que o uso do enunciado em forma de pergunta é uma excelente estratégia com o fim de procurar não parecer agressivo para o interlocutor. Nesse contexto, funciona como amenizador da invasão da face negativa de si e do outro. No comentário 2, além da pergunta, temos o enunciado na negativa e o uso do verbo novamente no futuro do pretérito. Isso demonstra que é uma possibilidade, uma sugestão que pode ser aceita ou

não, e portanto não ameaça a manutenção da fachada de respeito pelo outro. Há três modalizadores nesse comentário, o que demonstra claramente o cuidado na manutenção do diálogo.

5. **Trecho**-A questão sobre os [intelectuais] na cidade (“polis”) tem uma dimensão geral e outra específica, e ambas são urgentes. De maneira geral, pergunta-se pela posição política dos intelectuais?: ele é decisivo/influente, tem de ser, e se ele não for, de onde virá a massa que vai governar a cidade (e ele próprio)?

Comentário 1 - (MURILO, isso está no singular. Foi opção passar para o plural? Fica até melhor)

Comentário 2 -(eu acho que tem “ele” demais. É opção ou influência do alemão?)

No comentário 1, observa-se, primeiramente, o uso do nome próprio, o que fornece a impressão de chamar a atenção do interlocutor, mas ao mesmo tempo dá certa afetividade aos interlocutores e ameniza a forma da correção que vem a seguir. É como se fosse um índice de familiaridade a indicar que algo exige uma atenção maior. No caso, o trecho que não está como no original. Só após essa estratégia, chama a atenção para uma possível inadequação na tradução, mas por meio de uma pergunta que demonstra que o interlocutor sabe o que está fazendo, pois sugere que o erro foi proposital, uma opção intencional e, por fim, reforça a opção do parceiro. Para isso, faz uso do operador argumentativo ‘até’. O uso de operadores argumentativos estabelecem relações pragmáticas e argumentativas. Sua função é mostrar a força e a direção da argumentação. O uso de indicador de intensidade ‘até’, indica a direção de uma escala que demonstra que a solução foi melhor do que se esperava, funciona como premiação ao tradutor. Equivale à vivência do “ahaha quando há uma possível descoberta, já mencionada anteriormente. Há uma dança para dizer: você sabe que você errou? Mas ficou melhor, parabéns. Desse modo, as faces negativas de ambos os participantes ficam preservadas. Tanto o que tem a necessidade de indicar possíveis inadequações na tradução como o que fez as opções.

No comentário 2, o revisor procura amenizar o fato de perceber que o tradutor faz uso demasiado do pronome ‘ele’, novamente por meio do verbo ‘achar’, indicador de crença, e também possível certeza,. E logo em seguida procura amenizar ainda mais, sugerindo por meio de um questionamento duas possibilidades: uma consciente e a

outra inconsciente, de modo que o próprio tradutor possa perceber e ele próprio resolver qual das opções vai aceitar. Ou seja, no final quem decide é o tradutor, não o revisor, preservando a face positiva de ambos.

6. **Trecho-** Portanto, um judeu abrir-se-ia ao judaísmo, caso ele conseguisse deslocar de sua posição central a questão “solução final”. Não é judaico, concentrar-se nisso.

Comentário - Embora no texto em alemão, esteja no presente, trata-se na verdade de uma hipótese. Não é melhor usar o condicional como eu fiz?

O operado argumentativo ‘embora’ é um indicador de argumentos que se contrapõem, e no final tendem a levar a conclusões contrárias. Dessa forma o revisor antecipa sua estratégia de discordância, mas por meio da modalização de concordância. Ou seja, há o reconhecimento que o texto está no presente, mas posteriormente expressa sua opção por outra solução. Desse modo procura a preservação de face de ambos os interlocutores. Primeiramente reconhece que a tradução está de acordo com o texto, ou seja, não há erro, para só então argumentar a favor de sua opção e em seguida então sugere, modalizando seu dizer por meio de uma sugestão ‘não é melhor’ e uma pergunta. O revisor fornece ao interlocutor todos os passos: antecipação de sua discordância por meio da antecipação, concordância, mudança de opinião, sugestão. Desse modo as estratégias de preservação de faces são usadas de modo muito hábil.

7. **Trecho-** Em suma: essa reflexão tentará responder a essa questão do ponto de vista [existencial].

Comentário - Rede und Antwortgeben = prestar contas. (ótima saída)

Ao deixar claro que a saída encontrada pelo tradutor está adequada, o revisor procura demonstrar que sabe avaliar as boas soluções encontradas. Novamente a vivência de sucesso do ‘ahaa’ Talvez, uma forma de amenizar revisões feitas ao longo do texto. Equivale ao operador ‘até’ citado no trecho anterior. Uma premiação ao tradutor, de modo que as correções feitas tenham menos impacto na face negativa de ambos.

CONCLUSÃO

Esta análise empírica de uma prática de tradução cooperativa, ainda em estágio inicial de elaboração e como parte de um trabalho de reflexão mais amplo dos autores, resultou da descoberta do desinteresse acadêmico pela tradução compartilhada, associada a uma experiência prazerosa de tradução cooperativa que os autores-tradutores desenvolvem

desde 2010. Ambos os fatos despertaram nos autores o interesse para investigar academicamente esse tipo de tradução. A pesquisa que ora se desenvolve utiliza um rico corpus resultante da prática de tradução de quatro importantes obras de filosofia e teoria da tradução do alemão para o português, que consiste nos arquivos trocados por ambos os tradutores, após o estabelecimento de critérios e procedimentos de tradução.

Como pôde ser percebido, os fragmentos deixados nas margens do texto, isto é, os comentários, sugestões de mudança, correções etc. são partes fundamentais do processo de tradução cooperativa, em que se registram vários mecanismos e estratégias de tradução e de preservação de face, que se tornaram objeto de análise desse artigo e se comprovaram material riquíssimo para pesquisas futuras

As perguntas-pesquisa que orientaram os tradutores-pesquisadores foram de que modo se resolveram impasses ou discordâncias sobre as opções de tradução e de que forma as intervenções foram realizadas para evitar rupturas e/ou mal-entendidos, que poderiam impedir a continuação do trabalho em cooperação.

Por meio do aparato teórico escolhido: Pragmática e Estudos Crítico do Discurso, pôde ser comprovada a aplicação de estratégias comunicativas usadas por ambos os tradutores para evitar impasses ou discordâncias que levassem à ruptura do trabalho e possibilitar atingir o objetivo: a tradução pretendida. Essas estratégias revelam o jogo discursivo proposto por Goffman e outros para “preservar a face” de ambos os interlocutores. Pôde, também, ser percebido a existência de uma simetria de poder entre os tradutores, já que ambos demonstram preocupação semelhante na auto-defesa da face e defesa do outro nesse processo interação.

Foram encontradas várias estratégias para possibilitar o “Standards of excellence” proposto por MacIntyre, entre elas: modalização por meio de tempos verbais como o uso do futuro do pretérito que indica hipóteses e não certeza, mas ao mesmo tempo sugere opções a serem escolhidas pelo interlocutor, dando espaço para possíveis discordâncias; modalização pelo uso de verbo ‘achar’ que indica crença mas igualmente oferece espaço para certeza, sendo utilizado como forma de amenização à possível agressão da face do indivíduo que está sendo corrigido e também do corretor; o uso de operadores argumentativos que indicam estratégias de antecipação da discordância, de modo a amenizá-la e de gradação da força das correções, bem como dos elogios por ‘boas’ soluções encontradas durante a tradução.

O que comprova que “os praticantes, isto é, indivíduos atuando em práticas, procuram primeiramente o bom do seu trabalho e, portanto, precisam cooperar.” E cooperar linguisticamente significa ser capaz de dançar a mesma dança em busca de um objetivo que satisfaça aos participantes.

Todos esses fatos analisados comprovam que a língua oferece ao falante formas fixas, mas que esse falante deve ser muito hábil se quiser interagir satisfatoriamente para alcançar seus objetivos, sejam eles quais forem. E deve necessariamente adequar ao uso contextual estratégias diversas, além das linguísticas para evitar a ruptura de um trabalho cooperativo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BROWN, Penélope; LEVINSON, Stephen C. *Politeness: some universals in language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1978.

CHESTERMAN, Andrew. Questions in the sociology of translation. In DUARTE, J.F.; ROSA, A.A.; SERUYA, T. (orgs.) *Translation Studies at the interface of disciplines*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co. 2006. p.9-28

CHOULIARAKI, Lilie e FAIRCLOUGH, Norman. *Discourse in Late Modernity: Rethinking Critical Discourse Analysis*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2002.

DIAS, Ana Paula. Estratégias de preservação da face em sala de aula. http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem04/COLE_143.pdf Acessado em 21/10/2014.

GALEMBECK, P. T. O turno conversacional. In: PRETI, D. (Org.) *Análise de textos orais*. 6. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2003.

GOFFMAN, Erving. *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Trad. de Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011

ORBÁN, Wencke, KORNELIUS, Joachim. *Ein Beitrag für eine kommunikationsorientierte Übersetzungsdidaktik*. (Heidelberg). Acessado em 20/10/2014.